Para a Historia do Ceará

Sempre foi tradição corrente, embora um pouco vaga, no seio da familia Feitosa, que, em Portugal, havia uma localidade denominada — Feitosa, donde emigrara para o Brasil João Alves Feitosa, tronco commum desta familia neste pais.

Agora, porém, graças ao testemunho insuspeito do padre Annibal Coelho, illustre português nativo, que, da Bahia, se dignou,em 1923, fornecer-nos dados historicos seguros, sabemos que ha, na provincia do Minho, pertencente á comarca e concelho de Ponte do Lima, donde fica proximo e faz parte do districto administrativo de Vianna do Castello. Conta 90 fogos, fica 30 kilometros ao Oeste de Braga e 375 ao Norte de Lisbôa. Pertence ao Arcebispado de Braga e tem a invocação de São Salvador. Contava, em 1757, 60 fogos. Era essa freguezia couto da Casa de Bragança.

Foi villa, em tempos remotissimos, com o nome de *Vedendri.*

Diz-se que foram os Normandos que fundaram essa povoação, pelos annos 700 de Jesus Christo, pondo-lhe o nome de *Vendredi,* que na sua lingua quer dizer sexta-feira. Daqui Vedrendi. Depois, chamou-se Dómisi, ainda que ha uma veiga com este nome, que se corrompeu em Domes. Quando tinha esse nome é que foi coutada. Ha uns poucos de secu-

los que se chama Feitosa. Em 1131, Sesnando Ramires e sua mulher Justezenda Soares doaram ao Arcebispo de Braga, D. Pelagio e ao seu cabido e successores a sua villa Domisi, que antigamente se chamava *Vedendri* (Portugal Antigo e Moderno, volume III, Lisboa-1874 — Augusto Soares Barbosa Pinheiro Leal).

Diz ainda o mesmo informante que na referida freguezia ha a familia Feitosa, tão numerosa como outras tantas que por lá se encontram. E', pois, muito provavel que o sobrenome Feitosa, com que se assignava João Alves, tirasse a sua origem da familia Feitosa, de Portugal, e não da localidade, como dizia a tradição.

João Alves Feitosa casou-se, em Penedo, Estado de Alagoas, que então fazia parte da Capitania de Pernambuco, com uma filha de um rico colono, o coronel Manoel Martins Chaves. Com outra filha do mesmo coronel Manoel Martins Chaves, casou outro português, chamado Antonio de Souza Carvalhedo, que foi o tronco commum da familia Araujo, no Ceará. E' esta a primeira ligação das familias Feitosa e Araujo: descendem de duas irmãs, ou do mesmo tronco commum, que era o coronel Manoel Martins Chaves, de Penedo. Antonio de Souza Carvalhedo teve os seguintes filhos: 1) o Capitão-mór José de Araujo Chaves, de Ipueiras, casado com Luzia de Mattos Vasconcellos; 2) o coronel João Ferreira Chaves, casado com Anna Gonçalves Vieira; 3) Joanna de Paula Chaves, casada com Luiz Vieira de Souza.

Dentre os dez filhos do Capitão-mór José de Araujo Chaves e Luzia de Mattos Vasconcellos, mencionamos aqui: 1) o coronel João de Araujo Chaves, da *Carrapateira,* fazenda no municipio de Tauhá, casado com Nazaria Ferreira de Souza (meus trisavós); 2) o coronel Manoel Martins Chaves, de Ipueiras, casado com Ursula Gonçalves Vieira; 3; Antonio da Costa Leitão (tenente-coronel), autor, junta-

mente com seu sobrinho, o Capitão-mór Bernardino Gomes Franco, como mandantes do assassinato do juiz ordinario de Villa Nova d'El-Rei, Antonio Barbosa Ribeiro, cuja autoria, com muito fundamento, foi attribuida ao coronel Manoel Martins Chaves (bisneto do de igual nome do Penedo), que, não podendo justificar a sua innocencia, porque não queria tambem que fossem apuradas as responsabilidades dos verdadeiros cumplices, que eram o tenente-coronel Antonio da Costa Leitão, seu irmão, e o Capitão-mór Bernardino Gomes Franco, como já disse, foi preso e enviado para Portugal, juntamente com seu sobrinho Francisco Xavier de Araujo Chaves, avô materno do General Antonio de Sampaio, e recolhidos ás prisões do Limoeiro, sitas no mesmo local onde ficavam os Paços da Rainha Leonor Telles, em 1383, quando tombou assassinado João Fernandes Andeiro, conde de Ourem; 4) Cosma de Araujo Chaves, ou Cosma do Prado Vasconcellos, conforme está no inventario por morte de seu marido, o português Silvestre Rodrigues Véras, procedido em 20 de Março de 1799.

E' deste casal que descende a familia Araujo Véras; a familia Araujo Costa, do Piauhy; a familia Barroso, descendente do capitão Pedro Barroso Valente, do *Peixe,* casado com Josepha Gonçalves de Carvalho, filha daquelle matrimonio, e, finalmente, a parte da familia Almeida Castro, que tem, na ascendencia, ligação com a familia Araujo.

Dos filhos do coronel João Ferreira Chaves, que eram nove, além de Nazaria e Ursula que deixámos mencionadas, e a mulher de Antonio da Costa Leitão, citamos: 1) o Capitão-mór João Ferreira Chaves, casado com Maria Vieira de Souza, filha de Luiz Vieira de Souza e de Anna Alves Feitosa, tia do Capitão-mór José Alves Feitosa; 2) Anna Gonçalves Vieira, casada com o Capitão-mór Antonio de Barros Galvão, que foi Governador do Piauhy. O

capitão-mór Antonio de Barros Galvão e Anna Gonçalves Vieira, casaram-se no dia 8 de Setembro de 1755. De Eugenia de Barros Galvão, filha deste casal, descende o dr. Lucio Véras. Eugenia era casada com Silvestre Rodrigues Véras, o novo.

O Capitão-mór Antonio de Barros Galvão, residia na fazenda Santanna, no riacho do Diamante, freguezia da Serra dos Côcos.

Do Capitão-mór Antonio de Barros Galvão, descende o Dr. Adalberto Correia Lima, Juiz de Direito de Tauhá. O Capitão-mór Antonio de Barros Galvão teve mais filhos, nomeadamente Ursula Gonçalves Vieira, casada com Alexandre da Silva Mourão, troncos dos Mourões, ramo Araujo, e paes de Alexandre da Silva Mourão, o celebre criminoso, bem conhecido através das suas *memorias*, duas vezes publicadas, e Eufrasia, casada com Sebastião Ribeiro Mello, troncos dos Mellos, ramo Araujo. As descendencias dessas duas irmãs empenhavam-se, no seu inicio, em tremendas luctas sanguinolentas, que, depois de muitos assassinatos, terminaram, salvo o engano, em Agosto de 1849, quando foi assassinado o padre Ignacio Ribeiro Mello; um irmão deste, Sebastião Ribeiro Mello; um vaqueiro do padre, Seraphim Passarinho, escapando, ferido, o menino da carga, que era sobrinho illegitimo do padre, o qual, assombrado, correra.

Esses assassinatos deram-se no Estado da Parahyba, então provincia do 2º imperio, tres quartos de legua distante da cidade de Souza, no lugar "Tres Passagens do Riachão", quando o padre, com a sua pequena comitiva, se achava a descançar á sombra de uma frondosa oiticica.

O velho Antonio Bezerra Chaves, filho de Manoel Sanders e Ponciana, fazia parte do grupo que assassinou ao padre Ignacio, em razão de, sendo neutro, relativamente ás luctas, até certo tempo foi preso pelos Mellos, em mistura com soldados de policia, que, en-

tre as fazendas São Bento, municipio de Tauhá, e a povoação de Vertentes, municipio de Independencia. viu os soldados fazerem descargas em seu filho José Bezerra, que tombou sem vida. Os soldados pretextaram, perante as autoridades, que assim haviam procedido porque José Bezerra tentara fugir. Antonio Bezerra, filho do velho Antonio, tambem ia preso naquelle dia, e, poucos tempos depois, foi tambem assassinado pelos Mellos. Foi uma das luctas fratricidas mais sanguinolentas vista nos sertões cearenses. A politica arruinou as condições dos contendores, desde o principio, porque era vigario da freguezia o padre Francisco Ferreira Santiago, que era chefe conservador, e o padre Ignacio Ribeiro Mello, logo que recebeu as ordens sacras e chegou no seio de sua familia, assumiu a chefia do partido liberal.

Este padre tinha dois irmãos valentões e perigosos, que eram o tenente-coronel José de Barros Mello (Cascavel) e o capitão Pedro Ribeiro. O padre Santiago tambem tinha dois sobrinhos valentões, que arruinaram a situação, e eram o tenente-coronel Joaquim Domingues Moreira e Candido Moreira. A familia Santiago era prestigiada pelo governo do Piauhy; mas a influencia do padre Ignacio era tal que os seus adversarios sentiram a necessidade de forgicar, em torno delle, um processo crime, que diminuisse o seu prestigio na eleição, que se approximava. O padre Ignacio seguia para a Parahyba á procura do Juiz, que havia de presidir o seu jury e estava demorando.

Deu-se uma questão bastante interessante entre o coronel João de Araujo Chaves e o padre Manoel da Costa Gadelha, nomeado vigario de Arneiroz. Tendo havido uma desintelligencia entre ambos, o coronel João de Araujo, que residia na fazenda *Carrapateira*, hoje freguezia do Tauhá, obteve do Visitador Revd. Bernardino Vieira Lemos, o privile-

gio especial de ser curado pelo vigario de São Matheus, elle, seus filhos e genros. Por capricho malentendido, o coronel João de Araujo estendeu a permissão restricta, que lhe havia sido concedida, aos seus moradores e vaqueiros. O padre Gadelha, que já se tinha dado ao trabalho de revalidar dois casamentos, feitos pelo vigario de São Matheus, na *Carrapateira*, recorreu, por petição ao Bispo, em Pernambuco, que, solicitando informação do padre Lemos, que informou a verdade, mandou retrahir *Carrapateira* á jurisdicção do Vigario de São Matheus, submettendo-a á do de Arneiroz, triumphando o padre Gadelha. Este coronel João de Araujo era avô paterno do coronel João de Araujo Chaves, que fez parte, em Outubro de 1824, do governo temporario do Icó, chamado "commissão matuta do Icó".

Retornando a João Alves Feitosa, é opportuno mencionar que elle teve dois filhos: o coronel Francisco Alves Feitosa, casado, em primeiras nupcias, com Isabel do Monte, viuva, irmã do Capitão-mór Geraldo do Monte; em segundas, com Catharina Cardosa da Rocha Resende Macrina, da familia Cavalcanti, de Pernambuco, natural de Serinhaem, viuva e mãe do Sargento-mór Francisco Ferreira Pedrosa, avô do capitão-mór José Alves Feitosa; e o Commissario Lourenço Alves Feitosa, casado com Antonia de Oliveira Leite, irmã do padre José Ferreira Gondim, vice-vigario do Recife, e do vigario de Goyanna.

Foi o Commissario Lourenço Feitosa um dos maiores, sinão o maior proprietario de sesmarias dos sertões do Ceará.

Os dois irmãos Feitosas entraram em luctas com o Capitão-mór Geraldo do Monte, não obstante se acharem ligados por intima affinidade. Essas luctas acham-se narradas, ou referidas por todos os chronistas; por isso passamos a referir-nos somente aos

pontos menos analyzados. O leitor imparcial nota um pendor em quazi todos os chronistas e historiographos favoravel á causa dos Montes, ao descreverem aquellas luctas mortiferas, que, si não duraram 20 annos, conforme documento inédito em meu poder, pelo menos a intriga durou essas duas dezenas de annos, tendo recrudescido mais o seu cortejo de mortes nos ultimos annos. Nota-se uma falta de documentos officiaes contra os Montes, e uma fonte abundante de documentos fustigantes, apaixonados em extremo, e mesmo rancorosos, contra os Feitosas, cujos crimes se mediam pela mesma bitola, durante aquellas rixas. Mutuamente, atacavam-se nos seus dominios, com a mesma ferocidade e com a mesma ansia de victoria, de lado a lado. Ora, vemos documentos apaixonados como sejam o requerimento feito em nome do povo, em 3 de Outubro de 1724, aos officiaes da Camara de Aquiraz, contra o Ouvidor José Mendes Machado, em termos tão rancorosos e aggravantes, que a Camara deferiu, ordenando a prisão pedida, dando lugar ao Ouvidor, que era tambem inimigo do Juiz ordinario e de pessoas influentes, retirar-se para a ribeira do Acarahu' (Theberge, pag. 134). Dali, foi elle chamado pelos Feitosas, com os quaes se alliou, protegendo-os em combates sempre victoriosos, obrigando os Montes a procurar apoio e auxilio dos inimigos do Ouvidor Machado. Em 7 de Fevereiro de 1725, apparece segundo requerimento, em nome ainda do povo, apresentado ao Senado da Camara do Aquiraz, dizendo, entre outras couzas, que, *assolando e destruindo as fazendas dos Montes,* os Feitosas *matavam os vaqueiros e matariam tambem os amos si elles não fugissem, para se valerem* "dos meios da justiça" (!); *que se juntaram com o Ouvidor Machado, que com elles se fez parcial; e que os Feitosas saqueavam as*

casas dos inimigos, "furtando-lhes as armas", e noutro documento diziam que os Feitosas roubavam o *ouro das orelhas das mulheres*, dizendo no mesmo documento que os Feitosas eram "ricos e aposentados".

Ora, documentos como estes são, por sua natureza e origem, suspeitos, e de nenhum valor, por que, não obstante terem o cunho official, não exprimem a verdade historica desejada. A verdade é outra: ou nenhuma das parcialidades commettia nenhuma dessas infamias, por que não veriam nisso a victoria desejada; ou ambas, cegas pelo mesmo rancôr bellico, teriam descido, mutuamente, a tão degradante papel.

Aquelles colonizadores rixosos, não deviam merecer a condemnação dos historiadores modernos tão acrimoniosamente, porque sabemos que naquelles tempos, da justiça e da civilização, pelos sertões, apenas tocavam fracos reflexos, e mesmo, por *terras* sempre se brigou e se ha de brigar em todos os tempos.

Em 1725 era governador o Capitão-mór Manoel Francez, que fez cessarem as luctas armadas no Ceará. Francisco Alves Feitosa retirou-se para o Piauhy.

Relativo a essa epocha, apparece nos annaes da historia do Ceará um caso inveridico. Conta-se que, do Piauhy, Francisco Alves Feitosa mandara assassinar, na sua fazenda *Cabaços*, no alto rio do Jucá, *de emboscadas successivas, nove individuos da parcialidade de Geraldo do Monte, inclusive dois irmãos deste...*

Ora, si é bem sabido que "No seculo XVII, perseguidos pela Inquisição e tendo perdido os paes, chegaram no Recife 5 irmãos Montes, hespanhoes de nascimento, sendo 2 homens e 3 mulheres.

"Um delles e duas irmãs fixaram residencia em Pernambuco...

"O outro irmão, Geraldo do Monte, com a irmã que o acompanhou (a 1ª mulher de Francisco Alves Feitosa), internou-se pelos sertões de Pernambuco e veio ter no Ceará". (Dr. Helvecio Monte — "Unitario", n. 2.168, de 14 de Junho de 1916).

E' claro que só tendo Geraldo do Monte um irmão, que ficou em Pernambuco, não podiam ser assassinados dois na fazenda *Cabaços* ("Homens e Factos", pag. 84).

O Commissario Lourenço Alves Feitosa só teve uma filho, Lourenço Penêdo, que falleceu solteiro e posterior á sua mãe, ficando, assim a fortuna de Lourenço Feitosa, por sua morte, para o irmão Francisco Feitosa, que se tornou grande proprietario nos Inhamuns e no *baixo São Francisco.*

O coronel Francisco Alves Feitosa teve, do seu primeiro consorcio duas filhas: Maria e Luzia. A primeira casou-se com João Cavalcante, do Cariry, e a segunda, com um enteado de Francisco Feitosa, pelo 2º casamento. João Cavalcante e Maria foram paes de Francisca, casada com o Capitão-mór Arnaud de Hollanda Cavalcante. Deste casal era filho o coronel Manoel de Barros Cavalcante, do *Desterro,* proximo a Sant'Anna do Cariry, que é o mesmo que em Janeiro de 1841, commandou uma força de 600 homens, no Icó. ("Homens e Factos", pag. 481).

Do segundo casamento do coronel Francisco Alves Feitosa, nasceram os seguintes filhos: 1) o Capitão-mór Pedro Alves Feitosa, do Papagaio (uma das duas fazendas mais antigas do rio Jucá), casado com Anna Cavalcante de Nazareth Bezerra, pernambucana; 2) Manoel Ferreira Ferro, morador nas Cacimbas (fazenda no riacho da Cruz, affluente do Jucá), casado com Bernardina, irmã de Anna Cavalcante; 3) Josepha Alves Feitosa, casada com o Sargento-mór Francisco Ferreira Pedrosa, enteado do coronel Francisco Alves Feitosa, pelo 3º casamento; 4) Anna Gonçalves Vieira, casada com João

Bezerra do Valle, dos Cabaços, que é a outra fazenda mais antiga do rio Jucá, o qual descendia da familia Cavalcante Bezerra, de Pernambuco, e era irmão do padre José Bezerra do Valle, edificador da casa tradicional Umbuzeiro, a 3 kilometros da povoação do Bebedouro, do extincto municipio do Saboeiro.

Passo a rectificar, aqui, um erro com que saiu o meu artigo, publicado na "A Razão", de 26 de Março do corrente anno, cuja rectificação pedi por duas vezes á redacção daquelle jornal, não tendo sido attendido: o padre José Bezerra do Valle *não era casado*. Quem se casou com Anna Gonçalves Veira, filha do coronel Francisco Alves Feitosa, foi meu tataravô João Bezerra do Valle, irmão do padre. O padre José Bezerra do Valle teve por companheira uma india por nome Paschoa, da qual teve diversas filhas. Acostamos ao presente trabalho duas copias textuaes de duas arvores genealogicas, relativas á ascendencia de minha tataravó Anna Cavalcante de Nazareth Bezerra e D. Bernardina, já mencionadas, a cujos troncos vemos ligar-se a ascendencia do Eminente Cardeal Arcoverde ("A Noite", n. 4.459. de 26 de Abril de 1924) e de diversos os povos como sejam: os Montes (5 irmãos de origem hespanhola); os Pinheiros, do Riacho do Sangue; os Mellos, e os Fernandes Vieira, em parte, que (todos descendiam dos filhos do primeiro matrimonio de Isabel do Monte, enteados do coronel Francisco Feitosa, que foi ella a unica irmã do Capitão-mór Geraldo do Monte, que o acompanhu de Pernambuco ao Ceará ("Unitario, n. 2.168, de 4 de Junho de 1916 — Dr. Helvecio Monte).

Uma parte da familia Xeres Furna Uchôa, pelo menos a que provendo do casamento do Capitão Manoel José do Monte, casado com Anna America Uchôa, filha do Capitão-mór José de Xeres Furna Uchôa, tambem funde-se nos mesmos troncos. Os

descendentes do casamento do português Antonio Gaspar de Oliveira, dono do sitio *Precabura*, em Aquiraz, casado com uma moça da familia Feitosa ("Scenas e Typos, pag. 38 — R. Theophilo), nomeadamente, Juvenal Galeno, Rodolpho Theophilo e Clovis Bevilaqua, tambem se ligam áquelles troncos remotos, mencionados nas duas arvores genealogicas. As familias Cavalcante e Cavalcante Bezerra, de Pernambuco, ou que seja uma só familia, tiram sua origem daquelles mesmos troncos.

O coronel Eufrasio Alves Feitosa, edificador da igreja de Arneiroz, era filho de João Bezerra do Valle, e neto do coronel Francisco Alves Feitosa, que edificou a igreja do Cococy de 1740 a 1748, quando foi "julgada propria e descente para a celebração do culto, pelo visitador frei Manoel de Jesus Maria".

As duas arvores genealogicas, cujas copias acompanham este trabalho, eram documentos do archivo do Capitão-mór José Alves Feitosa.

Arneiroz, junho de 1929.

LEONARDO FEITOSA

Pedro Cavalcante de Albuqr.e fidalgo da Casa Rial e Cavalr.o da Ordem de Christo Cap.m de Infantr.a na guerra dos Olandezes (Brito L. 2 n.o 617) casou com Brazia Monteiro (1).

Manoel Glz Sirqr.a Cavalr.o da Ordem de Christo.
1.o marido.

D. Iabel Cav.te

Ped.o Glz. de Sirq.a chamavam Picú por ser muito alto n.al de Lx. e foi fundador da capella de S. Catharina na Miz.a de Old.a
1.o marido.

D. Catharina Frielas.

Antonio Cavalcante de Albuqr.e fidalgoda Casa Rial que governou a Cap.nia do Grão Pará e Maranhão pelos a.s de 1630 (Barred. Liv. 2 n. 600 Liv. 9 n. 644).

Isabel de Gois

Felipe Cav.te Fidalgo Florentino.

D. Catharina de Albuqr.e a velha.

Arnaud de Olanda n.al de Wtrek.

Britis Mendes de Vasconcellos.

João Cav.e

Genebra Maneli.

Jeronimo de Albuqr.e Gov.or de Pern.co

D. Maria do Esp.to S.to Arcoverde.

H
da
nou

M
rens
Adr

B
Cam
fant

J
Vasc

(1) Ascendencia de Pedro Cavalcante a Bartholomeu Rodrigue e Joanna de Goes.

jo Azevedo.

Guarda Munis, n.al do Reino.

O Cap.m Manoel de Araujo Bizerra.

D. Anna Cavalg.te de Nazareth m.er do Cap.m Mór Pedro Alz Feitosa, filho de Fran.co Alz e de Catharina Cardosa da Roxa Resende Macrina (1).

Maria Montr.o Bizr.a

Matheus de Sá q' servio de veriador da Camara de Olinda em 1676.

Brazia Montr.o Bizr.a

D. Maria Cavalg.te

Dom.s de Sá, n.al do Reino q' teve em Pern.co grossos cabedaes.

D. Anna de Nazareth Cav.te

José de Araujo Vilela, n.al do Reino.

Izabel Alz. da Costa, n.al de Ipujuca.

O Cap.m Bernardino de Ar.o Per.a